

CONSERVAÇÃO  
INTERNACIONAL



Brasil

# Gênero e sustentabilidade na cadeia da soja em MATOPIBA

PALAVRAS CHAVES: GÊNERO, SUSTENTABILIDADE, SOJA, MATOPIBA

**NOTA TÉCNICA ELABORADA PELA EQUIPE DA CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL (CI-BRASIL) A PARTIR DO RELATÓRIO FEITO PELA VÉRTICE PROFISSIONAIS ASSOCIADOS E PELA PESQUISA FEITA PELO CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA (CEPEA-ESALQ/USP).**

**AUTORES: DENYSE MELLO, ANA KASSOUF, NATÁLIA SALARO GRIGOL, GRAZIELA NUNES CORRER, GABRIELA GARCIA RIBEIRO E SÍLVIA H. GALVÃO DE MIRANDA.**



GOOD  
GROWTH  
PARTNERSHIP

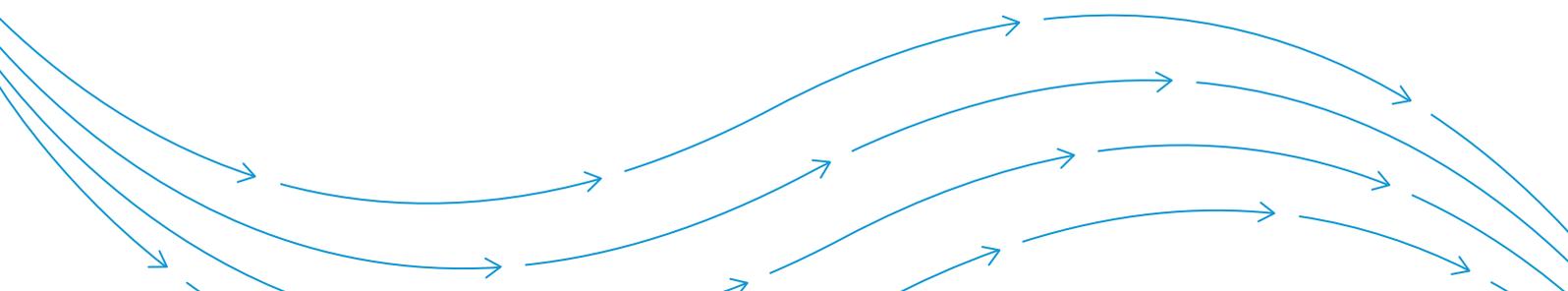


COALIZÃO  
MATOPIBA

# Sumário Executivo

A igualdade de gênero é um direito humano fundamental e uma base necessária para um mundo **pacífico, próspero e sustentável**. A presença das mulheres na agroindústria da soja pode ser percebida nos diversos papéis desempenhados ao longo da cadeia e etapas de produção (insumos, produção, armazenamento e comercialização, mercado, financiamento). Ainda que o ambiente seja predominantemente masculino, as mulheres têm assumido cada vez mais o protagonismo ao longo dos anos.

Essa nota apresenta a síntese de dois estudos realizados no âmbito do projeto Parceria para Bom Desenvolvimento com objetivo de contribuir para o debate sobre equidade de gênero e sustentabilidade na cadeia produtiva da soja em MATOPIBA (que compreende os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia).



# Introdução

Nas últimas décadas o cultivo da soja se tornou um dos mais importantes no mundo, atrelado ao debate envolvendo às agendas de segurança alimentar e desenvolvimento econômico. O Brasil configura-se como o segundo maior produtor e exportador mundial de soja em grão, e o maior exportador de farelo de soja para alimentação animal. Contudo, um grande desafio ainda é garantir a expansão sustentável e responsável desta commodity, garantindo a disponibilidade de recursos naturais para assegurar o futuro da produção agropecuária. Atrelado ao cenário de expansão da sojicultura, percebe-se a crescente participação de mulheres na cadeia agroindustrial, exercendo diferentes funções em posições dentro e fora da porteira e trazendo perspectivas que têm influenciado a dinâmica produtiva no Cerrado brasileiro, fenômeno explorado ao longo desta nota técnica.

Entende-se que qualquer ação que busque a eliminação e ou redução da desigualdade de gênero passa sobretudo pelo reconhecimento de que homens e mulheres vivem em situações e condições diferenciadas (necessidades, demandas, oportunidades, papéis e direitos), e quando estas não são levadas em consideração, relações desvantajosas se configuram para as mulheres no processo de desenvolvimento socioeconômico. No mercado de trabalho, por exemplo, as desigualdades se refletem nas faixas salariais e tipo de cargo ocupado com níveis diferentes para homens e mulheres.

Assim, o projeto Parceria para o Bom Desenvolvimento, ao definir uma estratégia para compreender e avaliar a dinâmica dos elementos de gênero envolvendo a cadeia da soja em MATOPIBA, elaborou inicialmente um mapeamento dos espaços e dos padrões de

atuação das mulheres no setor produtivo na região. Nesta análise foi possível identificar o seu papel e as suas funções ao longo da cadeia produtiva da soja, com destaque para a ocupação de cargos majoritariamente na gestão administrativo-financeira e comercial.

A partir deste mapeamento, verificou-se a importância da realização de intervenções específicas, voltadas para o empoderamento das mulheres inseridas na cadeia da soja. Foi recomendado que o projeto trabalhasse com meios e técnicas apropriadas para este fim, visando mitigar conflitos e produzir resultados positivos, associando a questão de gênero e a sensibilidade feminina ao estabelecimento de sistemas de produção mais sustentáveis.

A fim de implementar esta recomendação, levantar aspectos sobre a percepção destas mulheres que atuam na cadeia da soja brasileira sobre sustentabilidade, e compreender seu processo de inserção nesta cadeia, desafios e oportunidades, o projeto apoiou a realização de uma pesquisa em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA-Esalq/USP) visando endereçar as seguintes questões:

- Qual é o perfil das mulheres que estão envolvidas na cadeia da soja brasileira, especialmente no MATOPIBA?
- O que é sustentabilidade para mulheres que atuam na cadeia da soja brasileira, especialmente na região do MATOPIBA?



# Metodologia

A metodologia deste estudo se apoia em duas abordagens complementares. A primeira, de caráter quantitativo, diz respeito à análise dos dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD-contínua) de 2012 e 2019 e do Censo Agropecuário de 2017, ambas pesquisas realizadas periodicamente pelo IBGE<sup>1</sup>. Essa com o intuito de mensurar e avaliar a quantidade declarada de mulheres que estão ocupadas no setor produtivo da soja.

A segunda abordagem, de caráter exploratório, qualitativo e descritivo, foi estruturada para avaliar a percepção do público-alvo sobre as perguntas do estudo. Consistiu em três partes: a) entrevistas realizadas por videoconferência seguindo questionário semiestruturado; b) aplicação de questionário fechado; e c) workshop de validação de resultados. Essa junção de metodologias buscou reduzir o viés da pesquisa e, assim, evitar induzir as entrevistadas a usar algum termo ou adotar algum posicionamento que não fosse realmente os presentes em seus meios.

O público-alvo do estudo foram as mulheres que participam do sistema agroindustrial da soja (SAG da soja), com especial atenção para aquelas que se encontram na região do MATOPIBA. Numa primeira etapa, foram realizadas entrevistas no período

de agosto de 2020 a fevereiro de 2021 por meio de videoconferência, seguindo um questionário semiestruturado. Ao todo, foram realizadas 34 entrevistas, das quais 30 foram respondidas por mulheres e quatro por homens, distribuídas entre os segmentos do sistema agroindustrial.

A idade das mulheres entrevistadas variou de 18 a 54 anos, com média de 34. Em relação a escolaridade, 50% declararam possuir ensino superior completo, enquanto 3,6% possuíam instrução até o ensino médio, 7,14% ensino técnico e 3,6% ensino superior incompleto. Um terço delas também eram mães. Quanto ao estado civil, 33% das entrevistadas eram casadas e 66% solteiras.

Entre 23/03/2021 e 05/05/2021, 77 mulheres responderam o questionário fechado disponibilizado online e disparado por meio de redes de contato e redes sociais. Nesta frente de pesquisa, a idade média das respondentes variou de 19 a 66 anos, com média de 41 anos. Em relação a escolaridade, 62% declararam possuir ensino superior completo, enquanto 8% possuíam instrução até o ensino médio e 3% ensino superior incompleto. Um terço delas também eram mães. Quanto ao estado civil, 33% das entrevistadas eram casadas e 66% solteiras.



1 - Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD), disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza>. Censo Agropecuário, disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/>

# Principais Resultados

## ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS DA PNAD E CENSO AGROPECUÁRIO

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), no ano de 2012, a população brasileira ocupada era composta por cerca de 54,3% de homens e 37,7% de mulheres, correspondendo a 51,2 milhões de homens e 38,6 milhões de mulheres. Já em 2019, a parcela de homens ocupados diminuiu (52,4%) e a de mulheres aumentou (38,2%), representando aproximadamente 53 milhões de trabalhadores e 41,7 milhões de trabalhadoras. As mulheres estão cada vez mais conquistando espaços no mercado de trabalho, como mostra o Gráfico 1.

Em 2012, 11,2% dos indivíduos trabalhando na agropecuária representava 10,1 milhões de trabalhadores, sendo 7,8 milhões de homens (ou 78,1%) e 2,2 milhões de mulheres (ou 21,9%). Em 2019, este número caiu para 8,3 milhões de trabalhadores, e,

apesar da queda, a parcela de homens empregados nestas atividades cresceu (80,7%), enquanto a parcela de mulheres diminuiu (19,3%), como mostra o gráfico 2.

Na região de MATOPIBA, 18,5 mil indivíduos trabalharam nas lavouras de soja em 2012, com uma disparidade maior por gênero, de modo que 94% eram homens e 6% mulheres. Em 2019, essa quantidade foi de 24,6 mil, estando composta por 91% de homens e 9% de mulheres. Interessante destacar um aumento do número de trabalhadores e, de maneira especial, o aumento na participação feminina.

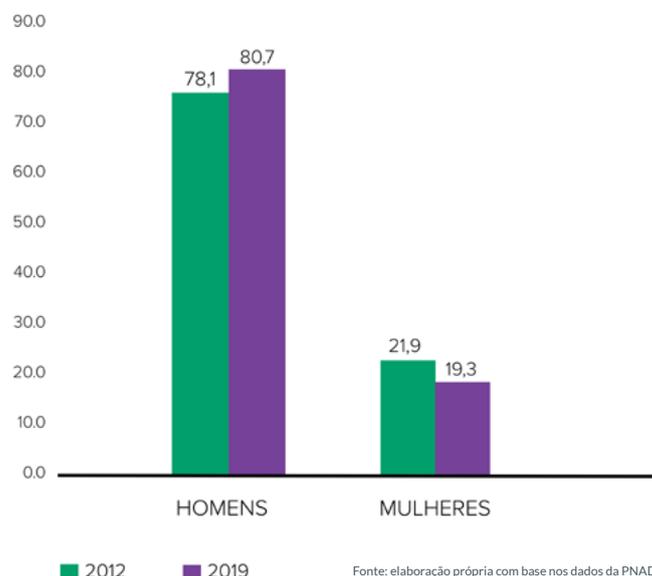
Em relação aos outros estados, a região de MATOPIBA contou com 8,4% de homens e 2,6% de mulheres nas lavouras de soja em 2012 e 6,1% de homens e 3% de mulheres em 2019, como mostra o gráfico 3.

### Porcentagem de indivíduos trabalhando em 2012 e 2019. Gráfico 1



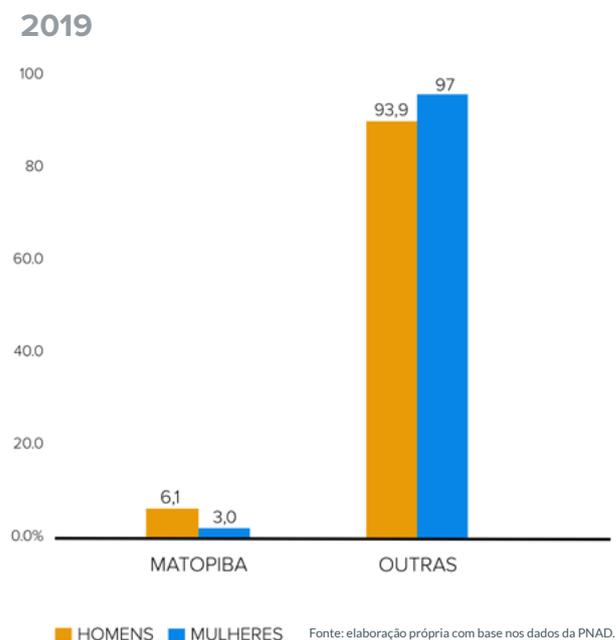
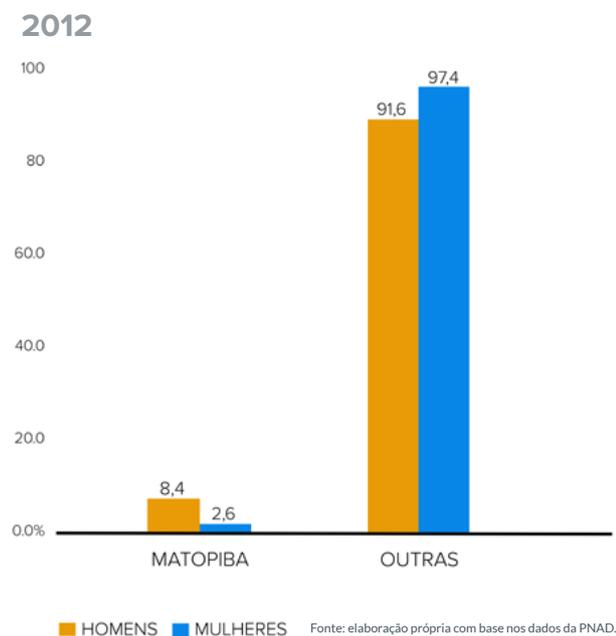
A maior parte das mulheres atuantes nas lavouras de soja trabalharam entre 15 e 39 horas semanais no ano de 2012 (40,3%). Em seguida, estão aquelas que trabalharam entre 1 e 14 horas (22,8%), entre 40 e 44 horas (15,5%) e mais de 49 horas semanais (13,7%). Em contrapartida, a maioria dos homens (33,6%) trabalhou mais de 49 horas semanais, como evidencia a Gráfico 4.

### Porcentagem de homens e mulheres trabalhando na agropecuária em 2012 e 2019. Gráfico 2



No ano de 2019, as mulheres permaneceram trabalhando, em sua maioria, entre 15 e 39 horas semanais (39,4%). Contudo, cresceu a quantidade de mulheres que trabalhou entre 40 e 44 horas (23%) e mais de 49 horas semanais (21,9%). Já os homens, neste ano, trabalharam majoritariamente entre 40 e 44 horas semanais.

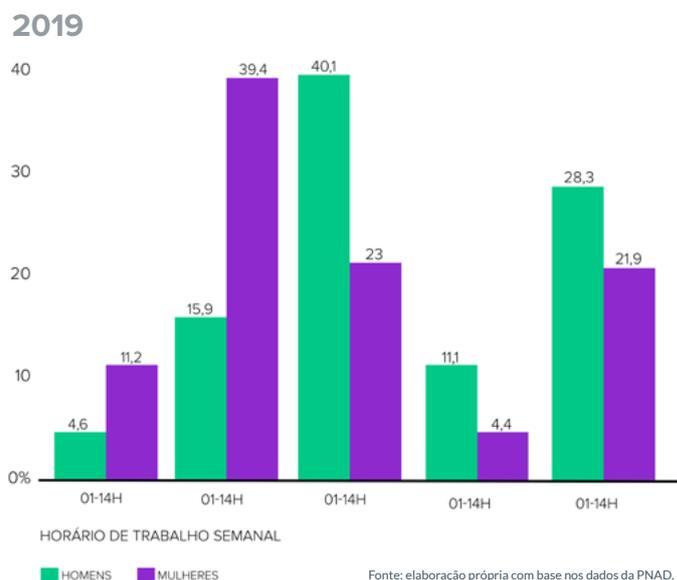
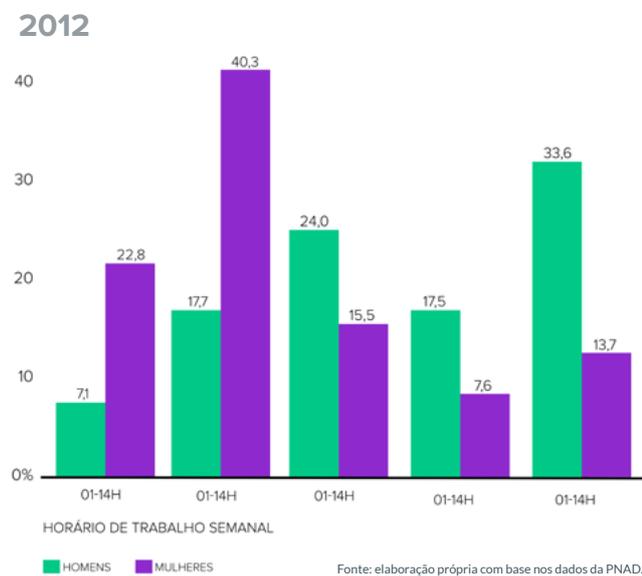
## Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por faixa de horas de trabalho semanal em 2012 e 2019. Gráfico 3



Em relação às remunerações, no ano de 2012, a maioria das trabalhadoras auferiram entre meio e um salário-mínimo (38,6%). Em seguida, estão aquelas que receberam entre um e dois salários-mínimos (33,7%). Apenas 16,3% receberam mais do que três salários-mínimos. Já os homens, em sua maioria, receberam entre um e dois salários-mínimos (41,8%) e a parcela dos que auferiram mais de três salários-mínimos foi de 24,3%.

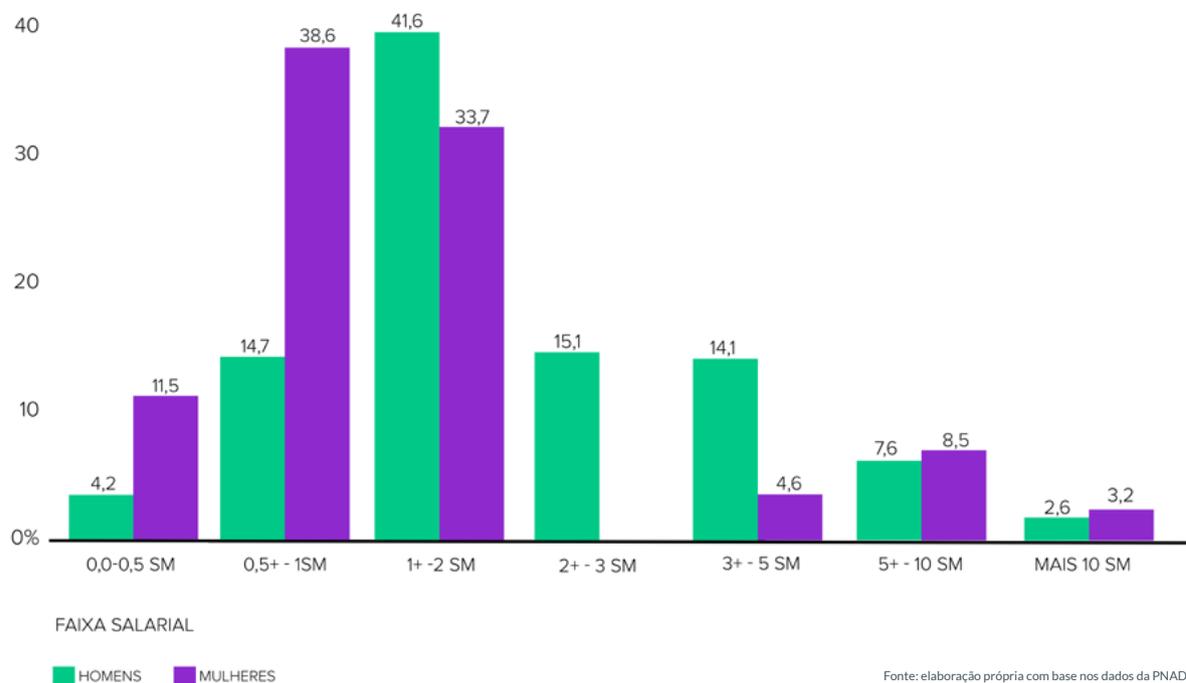
Conforme mostra a Gráfico 5, em 2019, a maioria das trabalhadoras passou a receber entre um e dois salários-mínimos (40,1%), seguidas por aquelas que receberam entre meio e um salário-mínimo (25,5%). A proporção de mulheres que auferiu mais que três salários-mínimos aumentou, sendo de 17,4%. Contudo, a disparidade em relação às remunerações auferidas pelos homens permanece alta. Estes, em sua maioria, receberam entre um e dois salários-mínimos (33,1%), porém a proporção que recebeu acima de três salários foi de 29,8%.

## Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por faixa de horas de trabalho semanal em 2012 e 2019. Gráfico 4

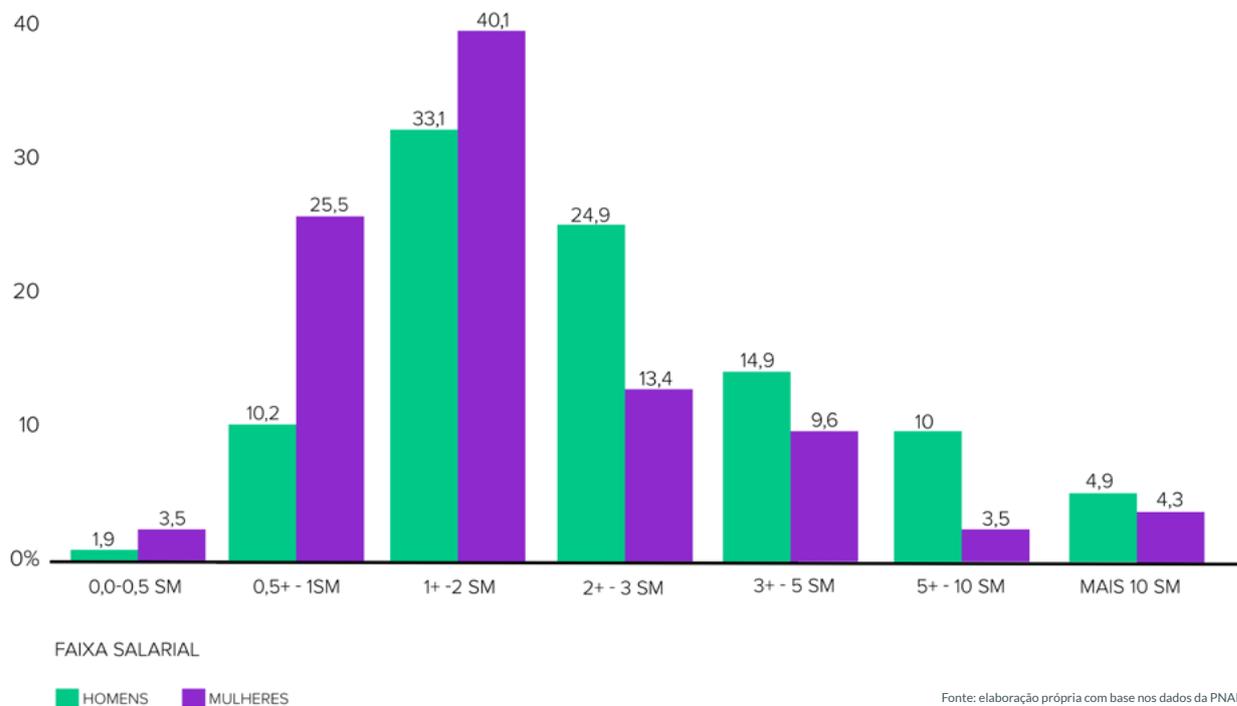


## Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por faixa salarial em 2012 e 2019. Gráfico 5

2012



2019



Esses resultados são corroborados pelos obtidos pelo Cepea em 2019, na publicação de Barros et al. (2019), que deu continuidade à pesquisa sobre a atuação da mulher no mercado de trabalho do agronegócio nacional. Os resultados indicaram que,

embora as mulheres apresentem, em média, nível de instrução maior do que os homens, sendo esperado que recebessem rendimento médio mais elevado em relação aos homens do setor, na realidade elas acabam recebendo um salário inferior.

## A INSERÇÃO FEMININA NO SISTEMA AGROINDUSTRIAL DA SOJA

A análise dos discursos mostrou que as entrevistadas possuem a percepção de que as mulheres vêm ganhando maior protagonismo nas decisões ao longo do tempo, saindo de uma posição de coadjuvantes, quando apenas interagiam com o agro dentro de um ambiente familiar, e assumindo posições de maior destaque, ao apostarem no desenvolvimento de suas carreiras profissionais. A sucessão familiar no caso das produtoras e também a inserção feminina no agro por conta do trabalho dos esposos aparecem como dimensões que conectam esse processo de ganho de autonomia e de protagonismo nas tomadas de decisão. A percepção das entrevistadas reflete, também, a própria trajetória delas mesmas, como pode ser visto na Nuvem de Palavras da Figura 1 – a qual elenca, pela magnitude visual das palavras, os temas relacionados à inserção feminina no sistema agroindustrial da soja mais citados.

### Nuvem de palavras sobre a trajetória das mulheres do SAG da soja. Figura 1



Segundo a pesquisa realizada, a presença feminina no segmento produtivo parece ser mais comum em áreas administrativas do que na área da produção. Apesar de controlarem as finanças, as burocracias, a gestão de pessoas, a compra de insumos e comercialização, o distanciamento da área operacional muitas vezes é visto como um papel secundário da mulher na organização da fazenda.

A análise do discurso mostra, também, que esse contexto está ligado à resistência de muitos produtores em encarar a fazenda como um **negócio**. Esse não era o caso de nenhuma das entrevistadas que atuam no segmento produtivo. Todas elas, tendo começado na atividade por iniciativa própria ou junto com a família, relataram que sua atuação sempre se deu no intuito de organizar a atividade como negócio. Isso ficou mais evidente nos casos de sucessão: depois de estudar e voltar para a fazenda, suas primeiras metas foram estruturar um departamento de recursos humanos e melhorar processos administrativos.

Vale destacar que, quando perguntadas sobre características femininas que poderiam beneficiar a

mulher na soja, foram muito citados aspectos ligados ao afeto e ao cuidado, ou seja, à atenção ao outro. Na percepção das entrevistadas, essa capacidade interpessoal é a principal característica feminina e molda toda atuação profissional, trazendo muitos benefícios em termos de comunicação, trabalho em equipe, resolução de conflitos, liderança e planejamento. No questionário, 73% das respondentes corroboram que “mulheres têm maior habilidade com a gestão de pessoas nas diversas atividades da cadeia da soja”.

Apesar de reconhecerem a presença feminina em todos os segmentos do sistema agroindustrial da soja, todas as entrevistadas destacaram o fato do agro ser um ambiente predominantemente masculino, o que traz desafios à inserção e permanência das mulheres neste setor. As respostas do questionário fechado mostraram que 56% das respondentes concordam que “mulheres precisam estudar e se capacitar mais que homens para trabalhar no agro” e 73% concordam que quando a mulher possui maior instrução, sua opinião passa a ser mais valorizada.

Uma das formas de se combater às dificuldades apontadas pelas entrevistadas, seria aumentar a **visibilidade** feminina no agronegócio. Na interpretação delas, faltam **referências** para estimular a inserção das mulheres no setor - sobretudo em cargos de liderança, com grande poder de decisão. No questionário fechado, 90% das respondentes concordam que “ver mais mulheres no agronegócio estimula mais mulheres a ingressar no setor da soja”. Além disso, 88% das respondentes acreditam ser importante aumentar o acesso a rede de contatos de mulheres atuantes no agronegócio para estimular a inserção feminina no setor.

A mulher também enfrenta uma série de desafios relacionados às estruturas físicas e de poder. O primeiro desafio é a questão da **infraestrutura**. O isolamento das regiões de produção, problemas logísticos relacionados ao acesso, ausência de acomodações, banheiros, além de serviços básicos de atendimento à saúde, faz com que 92% das mulheres que responderam ao questionário apontem como importante a melhoria na infraestrutura no campo.

Além disso, 42% das respondentes do questionário concordam que a infraestrutura é um fator limitante para a mulher estar no agronegócio. Atrelado à essa questão, 40% das respondentes concordam que a “preocupação com a segurança física das mulheres é um critério de menor inserção no campo”.

A **maternidade** se reflete no desafio feminino em

conciliar o trabalho com o planejamento da vida pessoal e familiar. A estrutura familiar, ancorada no machismo estrutural e na divisão desigual das tarefas

domésticas e da parentalidade, são desafios para todas as mulheres na contemporaneidade, independente do setor em que atuam.

## DESAFIOS DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL DA SOJA

A Nuvem de Palavras, na Figura 2, elenca, pela magnitude visual das palavras, os temas mais citados pelas entrevistadas como desafios para o sistema agroindustrial da soja. Observa-se que a **imagem do setor** e a **questão da sustentabilidade** são os

mulheres também concordam com a afirmativa de que “não há motivos para haver uma imagem negativa do agronegócio brasileiro” - ou seja, consideram que a imagem que se tem do setor, incluindo cadeia da soja, não estaria aderente à realidade e aos fatos.

**Nuvem de palavras sobre os desafios da soja.** Figura 2



O desafio relacionado à imagem se resume na necessidade de uma comunicação mais eficiente do setor à sociedade, que mostre os avanços, mas também os pontos que precisam ser trabalhados para que haja uma percepção da sociedade sobre a sustentabilidade do setor. Observa-se, portanto, que o **desafio da imagem carrega consigo aspectos relacionados ao debate da sustentabilidade.**

A **sustentabilidade** como desafio da soja foi citada por 33% das entrevistadas, das quais: 50% eram do segmento organizacional, 30% de tradings e 20% de insumos. Não houve citação para produtoras e funcionárias de fazendas. Em seus discursos, o desafio da

dois principais aspectos apontados pelas mulheres entrevistadas.

Trabalhar a **imagem**, ou reputação do agro diante da sociedade foi considerado o maior desafio da soja, sendo citado por 37% das entrevistadas. Dessas, 27% foram de entrevistadas do segmento de insumos, 9% eram produtoras, 27% eram de tradings e 36% eram atuantes em organizações.

Na percepção das entrevistadas, a imagem do agro é mal trabalhada, gerando conflitos entre os atores da sociedade. O principal ponto que afeta negativamente a imagem da cadeia da soja é a associação da atividade com o desmatamento. Na sequência, o uso de agroquímicos.

Quando no questionário fechado foi proposta uma análise mais específica sobre a imagem do setor da soja, das 77 respondentes, 90% concordaram que “a imagem da cadeia da soja pode ser melhorada”, corroborando com as reflexões analisadas nos discursos das entrevistadas.

Apesar do destaque sobre a importância de melhorar a imagem do agronegócio da soja, 60% dessas

sustentabilidade envolve desenvolver um diálogo de responsabilidade e de financiamento para ações de sustentabilidade pelos agentes do setor, diminuir polarizações e ressignificar o termo, que, ao ser associado a desmatamento ou empregado de forma incompleta, tem esvaziado as discussões. Esse esvaziamento foi constatado, também, na análise de percepção sobre o termo “sustentabilidade”.

É preciso destacar que apenas 10% das entrevistadas deram ênfase para a dimensão social da sustentabilidade, discorrendo sobre a necessidade de se compreender a soja como agente do **desenvolvimento territorial** – e também a dificuldade em mostrar essa contribuição.

A preocupação com o **clima** apareceu como o terceiro desafio mais citado nas entrevistas, sendo relatado por 23% das entrevistadas, das quais 71% eram produtoras e funcionárias de fazendas. A preocupação com as **mudanças climáticas** foi apontada como um desafio importante para 75% das mulheres que responderam ao questionário fechado.

As entrevistas apontam, ainda, que a percepção de mudanças climáticas se dá, sobretudo, acerca da

maior variação no regime de chuvas. Assim, o risco climático aparece como um desafio para a produção da soja, especialmente nas regiões de fronteira como no MATOPIBA.

Na sequência, o desafio de elevar a **produtividade** apareceu no discurso de 20% das entrevistadas, divididas igualmente entre o segmento de insumos e o produtivo. No questionário fechado, 90% das respondentes concordaram que a produtividade está também associada aos desafios da cadeia da soja. O termo se associa à lógica de uso eficiente dos recursos e diminuição de custo unitário,

Vale destacar outras palavras que foram utilizadas e que se encaixam nessa categoria de análise chamada de “aspectos produtivos”, ao se relacionarem com os desafios tecnológicos impostos à produção da soja: manejo, variedades mais adaptáveis à região, resistência às pragas, assistência técnica, melhorar a qualidade do solo, sementes geneticamente modificadas, treinamento de mão de obra e pesquisa agrícola.

Todos esses desafios, que pertencem à dimensão produtiva e afetam a produtividade, também estão ligados à questão da sustentabilidade – sobretudo pela dimensão de mitigação de efeitos ambientais.



## SUSTENTABILIDADE

Os resultados mostram com clareza que a percepção central sobre sustentabilidade para as entrevistadas está relacionada primordialmente à **dimensão econômica**. O discurso evidencia que a sustentabilidade é percebida como um valor, sobretudo monetário. Todos os segmentos que compõem o sistema agroindustrial, de forma similar, compreendem que a certificação, a rastreabilidade e a adoção de práticas sustentáveis geram valor e aumenta a competitividade do sistema agroindustrial da soja brasileiro.

A predominância de um discurso que associa sustentabilidade à rentabilidade mostra, de um lado, a fragilidade de outros temas pertinentes à pauta na percepção feminina. Mas, por outro lado, representa uma percepção coesa de sustentabilidade entre os segmentos do sistema agroindustrial da soja:

1. A sustentabilidade gera valor monetário. Esse valor pode ser percebido como vantagens competitivas no curto prazo, por conta de um mercado consumidor mais exigente. Pode, também, ser compreendido como uma reserva de valor no longo prazo, já que ações sustentáveis são percebidas como meios de se evitar gastos relacionados à exaustão do ecossistema que, por consequência, afeta negativamente a atividade produtiva.
2. Há consenso de que o processo produtivo gera passivos e que, por isso, a sustentabilidade é uma meta a ser perseguida.

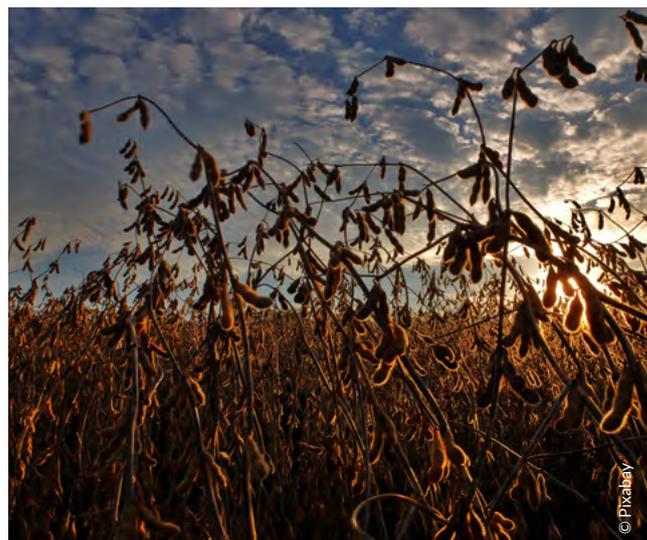
A percepção do passivo, contudo, é bem restrita à questão ambiental, o segundo elemento mais associado à ideia de sustentabilidade. Nesse contexto, o **desmatamento** é o atributo mais citado na composição da dimensão ambiental. Sustentabilidade está fortemente vinculada com a imagem de combate ao desmatamento no setor e preservação de áreas. É preciso destacar que a grande maioria das entrevistadas (independente do segmento em que atuam), mesmo quando identificam a necessidade do combate ao desmatamento para se atingir a sustentabilidade no setor, reforçam, em contrapartida, um discurso defensivo que considera que a prática está restrita a um número muito pequeno de produtores.

A presença de **resíduos químicos** também é citada como parte do passivo ambiental. Tendo elencado que existem passivos ambientais derivados da produção de soja, as entrevistadas consideram que “produzir mais com menos” é garantir sustentabilidade. Desse modo, a categoria “**produtividade**” é o terceiro elemento que mais se liga à sustentabilidade.

Observa-se que esta categoria compartilha da lógica

**econômica**: a adoção de tecnologias para uso eficiente de recursos possui um impacto ambiental positivo (percebido como valor), gera redução do custo unitário e maior rentabilidade.

Em quarto lugar, as entrevistadas concordam que existe o desafio de se discutir o significado de sustentabilidade em sua totalidade. Essa dificuldade de compreensão e de aplicação correta da



sustentabilidade contribui para o “**esvaziamento**” do termo. Há, portanto, uma percepção relativamente forte de que o termo “sustentabilidade” foi esvaziado devido a um uso genérico e superficial, muito associado à uma tendência de marketing.

Isso fica evidente ao se verificar que o atributo que se conecta a percepção de sustentabilidade da forma mais fraca é a “**dimensão social**”. Nas entrevistas, o termo não foi citado por produtoras e funcionárias de fazendas e tem maior expressão para funcionárias de organizações (43%).

Apesar da entrevista não ter captado a dimensão social, que faz parte do tripé do conceito de sustentabilidade, observou-se que no questionário fechado houve consenso sobre sua importância. De acordo com ele 91% das respondentes concordam que as relações de trabalho fazem parte da sustentabilidade, outro aspecto na parte social do tripé é a que diz respeito à sociedade, 84% das mulheres que responderam ao questionário concordam que “a pressão dos consumidores por sustentabilidade é importante”.

Vale destacar que a associação da sustentabilidade ao “**desenvolvimento territorial**”, por exemplo, foi citada por 57% das entrevistadas sendo que metade delas pertencem ao ambiente organizacional.

# Conclusões finais

A cadeia produtiva da soja vem passando por muitas mudanças nos últimos anos. A demanda crescente pela soja e seus derivados no mercado internacional culminou no aumento da competitividade global, que ao mesmo tempo se reflete na necessidade de se pensar estratégias sustentáveis de desenvolvimento para o setor.

Para conquistarem seus espaços, **as mulheres do sistema agroindustrial da soja acreditam ser importante desenvolver habilidades e conhecimentos**, buscam network e trocas de experiências, bem como refletem a necessidade de ter maior confiança em si mesmas. Afinal, além de terem que lidar com os desafios da cadeia da soja, percebidos sobretudo como imagem negativa e sustentabilidade, também têm que encarar os desafios ligados ao seu gênero.

Esta pesquisa identificou que **as mulheres percebem a sustentabilidade prioritariamente como um valor de ordem monetária. Mas também compreendem que o processo produtivo gera passivos e que, por isso, a sustentabilidade é uma meta a ser perseguida.** O passivo ambiental é o mais percebido, sobretudo o desmatamento. No entanto, boa parte das entrevistadas relacionam o problema como uma questão que envolve também a comunicação e a imagem do setor como um todo.

A dificuldade de se compreender as múltiplas dimensões da sustentabilidade e de dar valor equânime para elas, assim como o conflito presente para a responsabilização de passivos ambientais e sociais na cadeia produtiva, tornam o debate sobre sustentabilidade um universo que nem sempre encontra convergência entre os atores. A pesquisa revela que no geral percebe-se uma comunicação precária junto à sociedade, principalmente a urbana, de modo que não se consegue traduzir alguns dos avanços já conquistados pelo setor. Também é importante salientar a presença de expectativas díspares nos discursos sobre metas de sustentabilidade entre os próprios agentes do SAG.

Os resultados apontam para a necessidade de se estabelecer um diálogo sobre sustentabilidade sem que este contribua para o esvaziamento ou banalização do termo. Nesse sentido, é importante construir narrativas e métricas para conduzir a temática. **Implementar práticas sustentáveis exige a transformação de modelos de pensamento e de negócios. É necessário revisitar algumas premissas rumo à um paradigma mais inclusivo e próspero na produção de alimentos no Cerrado brasileiro.**

Ultimamente, **alguns temas têm se revelado importantes vetores para o avanço da temática de gênero e sustentabilidade como a sucessão familiar, a gestão de recursos e mitigação de riscos, a liderança e a inovação.** A presença feminina tem se fortalecido nessas áreas e pode atuar como catalizadora em prol de um desenvolvimento mais sustentável.

Por fim, a pesquisa evidencia que **as mulheres percebem a sua inserção no setor como bastante positiva em relação à adoção de mais ações voltadas à sustentabilidade.** Aspectos como maior empatia e afeto em suas relações interpessoais se configuram como decisivos para a percepção de questões coletivas e de longo prazo. Além disso, a pesquisa também ressalta habilidades diplomáticas e de persuasão em negociações envolvendo temas mais sensíveis e reativos em situações de conflitos.

## Referências

- BARROS, G.S.C.; CASTRO, N.R.; GILIO, L.; SOUZA JUNIOR, M.L.; MORAIS, A.C.P.; ALMEIDA, A.N. Mulheres no Agronegócio. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), Piracicaba, v.1, n.1, 2018.
- BARROS, G.S.C.; CASTRO, N.R.; GILIO, L.; SOUZA JUNIOR, M.L.; MORAIS, A.C.P.; ALMEIDA, A.N. Mulheres no Agronegócio. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), Piracicaba, v.1, n.3, 2019.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, v.12 n.1. Florianópolis, 2004.
- PNAD - IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Trimestral**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=20653&t=microdados>. Acesso em: 16 set. 2021.
- SPANEVERELLO, R. M.; MATTE, A.; BOSCARDIN, M. Crédito rural na perspectiva das mulheres trabalhadoras rurais da agricultura familiar: uma análise do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), Polis [Online], v. 44, 2016. Disponível em <https://journals.openedition.org/polis/11963>
- ZORZI, A. **Uma análise crítica da noção de empoderamento com base no acesso das agricultoras ao Pronaf-Mulher em Ijuí-RS**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre.

**Realização**

Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil)

**Coordenação**

Bruno Coutinho<sup>1</sup>, Karine Barcelos<sup>2</sup> e Maria Isabel Martinez<sup>3</sup>

**Autores**

Denyse Mello<sup>4</sup>, Ana Kassouf<sup>5</sup>, Natália Salaro Grigol<sup>6</sup>, Graziela Nunes Correr<sup>7</sup>, Gabriela Garcia Ribeiro<sup>8</sup> e Sílvia H. Galvão de Miranda<sup>9</sup>

**Organização**

Iamilly Cunha<sup>10</sup>

**Revisão**

Henrique Paula<sup>11</sup>, Maria Clara Marques<sup>12</sup>

**Diagramação**

Flavio Forner (XIBÉ)

**Citação sugerida**

MELLO, Denysse; KASSOUF, Ana; GRIGOL, Natalia; CORRER, Graziela; RIBEIRO, Gabriela; MIRANDA, Sílvia. (2021). Gênero e sustentabilidade na cadeia da soja em MATOPIBA, Caderno de Notas Técnicas do Programa Parceria para o Bom Desenvolvimento (GGP/ PNUD). Rio de Janeiro: Conservação Internacional Brasil, 2021.

O estudo foi realizado no âmbito da iniciativa global Parceria Para o Bom Desenvolvimento (Good Growth Partnership, em inglês), executado pela Conservação Internacional (CI-Brasil), com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e financiado pelo Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). No Brasil, o projeto visa garantir a longo prazo a sustentabilidade da produção agrícola na região Matopiba, atuando em 10 municípios focais da região Central do Tocantins e Oeste da Bahia.

Os textos desta publicação podem ser reproduzidos no todo ou em parte desde que a fonte e os respectivos autores sejam citados.

---

1,2,3,10,11,12 Conservação Internacional Brasil  
4,5,6,7,8,9 CEPEA -Esalq/USP (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada)